

série  HARMONIA INTERIOR

PRAZER DE VIVER

Ermance Dufaux | Wanderley Oliveira



Dufaux
editora

“Porque não há coisa oculta que não haja
de manifestar-se, nem escondida que não
haja de saber-se e vir à luz.”

Lucas, 8:17.



[Prefácio]

Nada ficará
oculto em
nossas vidas



Jesus, o cuidador de almas por excelência, teve o ensejo de nos lembrar: “Sois Deuses.”¹ Que reflexão mais educativa dirigida à consciência de cada um de nós pode alguém fazer? Eis algumas interpretações para a fala do Mestre: Sentimo-nos capazes? Queremos a vitória? Estamos usando nossos potenciais divinos? Acreditamos na força pessoal de transformação? Quando nos apropriaremos do patrimônio celeste da nossa intimidade?

Relembrando-nos sobre a nossa divindade em potencial, Ele traz outro de Seus belíssimos ensinamentos sobre o inconsciente: “Porque nada há encoberto que não haja de ser manifesto; e nada se faz para ficar oculto, mas para ser descoberto.”²

É da Lei Divina o processo revelador da nossa individualidade. Queiramos ou não, a vida submersa no inconsciente é um constante clamor em direção à luz da perfeição. Nada pode, pois, permanecer eternamente encoberto, como pontua Jesus.

Depois de passar alguns anos em hipnose cerebral, retomamos em plena infância o patrimônio das vidas anteriores.

1 João, 10:34.

2 Marcos, 4:22.

Na juventude, fazemos os primeiros contatos com a sombra estruturada em vidas sucessivas. É o período das turbulências e instabilidades. Muitas vezes, à custa de elevada dose de recalques diante de frustrações e desapontamentos, construímos a fortaleza defensiva do ego.

Assim, o Espírito, com raríssimas variações, entrega-se aos deveres da reencarnação, trazendo a alma oprimida por velhas bagagens morais de sua trajetória. E, somente na metade da vida carnal, a criatura retoma de forma mais incisiva e amadurecida o contato com todas as suas pendências eternas.

A meia-idade, estudada com atenção por Jung, constitui mais um ciclo revelador da vida mental. Para muitos, será a última estação de parada antes da morte, a fim de que os conteúdos do inconsciente possam sacudir as mais enraizadas crenças e concepções da existência.

Sem dúvida, tal etapa da vida vem acompanhada de severas ameaças à nossa zona de conforto e segurança. Tomar contato com os conteúdos velados da vida íntima é um desafio doloroso de desilusão. É o momento da ousadia que pede paciência para não tombar na irresponsabilidade. É o instante da coragem que vai solicitar o desapego da vida ideal – aquela do jeito que queríamos – para assumirmos a vida real.

Como atravessar a ponte das concepções e projetos pessoais? Como fazer essa caminhada tornar-se um passo decisivo para a verdadeira felicidade? Como reconstruir nossas crenças? Que ações adotar para que o nosso querer não seja apenas mais uma ilusão? Que decisões tomar para que as escolhas não sejam apenas uma rota de fuga? Aliás, como distinguir o que é fuga, quando brota do inconsciente o convite para o

contato com todo o conjunto de expressões afetivas? A infelicidade, a depressão, o vazio existencial e tantas outras manifestações de tédio interior não serão, igualmente, mensagens da vida íntima atestando fugas de nossas necessidades mais esquecidas no aprimoramento espiritual?

Companheiros queridos, já iluminados com o conhecimento espiritual, assumiram para si mesmos o sublime compromisso de erguimento consciencial. Todavia, dois rastros de descuido têm permeado as lições de muitos aprendizes neste tema. O primeiro deles é a aceitação da dor como único instrumento de redenção. Neste, temos a crença derrotista, é um ato de desamor. Na verdade, a ausência de autoamor. O segundo é a nociva negação do dinamismo de nossa vida interior. Há nele o medo do confronto, uma manifestação sutil da rebeldia em não aceitar quem somos. É um efeito do orgulho.

É necessário um elevado discernimento para distinguir o ato responsável da fuga orgulhosa.

O foco do prazer de viver é este – a perda de quem achávamos que éramos, o falso eu, e o encontro com o eu real. A busca da autenticidade. A identidade psicológica do Ser.

Cuidemos, com vigilância, para que o Espiritismo, essa ferramenta de evolução, não se torne mais um instrumento de tortura em nossa vida. Em nossas casas de amparo na erradicidade, muitos corações sinceros e exemplares no desprendimento e na ação do bem encontraram pela frente a aflição e a angústia, tombando em lamentáveis crises de descrença e revolta. A razão? Descuidaram de si próprios. Negaram o contato com sua realidade interior. Deixaram de pedir ajuda. Acreditaram em uma personalidade mentalmente projetada

e perderam o contato com suas emoções mais profundas. Alguns deles se renderam confiantes a conceitos e estruturas organizacionais reconhecidas e consagradas na comunidade, e somente aqui puderam aferir a extensão da ilusão que cultivaram.

Hipnotizaram-se com cargos, mediunidades, talentos verbais, ações beneficentes e outras tantas iniciativas abençoadas e esqueceram-se do mais importante – a humanidade da qual somos portadores. Negaram a condição de criaturas simplesmente humanas.

No fundo de suas mais espinhosas decepções, estava um sentimento nuclear em assuntos de aprimoramento espiritual, o medo. O medo do confronto com os próprios sentimentos.

O Espiritismo é um convite à vida consciente e responsável. Conhecer a sombra não significa adotá-la. Entretanto, a título de responsabilidade, muitos amigos da caminhada de espiritualização equivocam-se em relação ao ensino oportuno de Jesus – que recomenda negarmos a nós mesmos, tomarmos a nossa cruz e segui-lo³ – e adotam a fuga silenciosa, postergando para o desencarne a incursão no seu mundo interior.

Cuidemos melhor de nossas vidas. Na trilha solitária do autodescobrimento, somos chamados a ações como “olhar para nossos pendores e tendências”, “entrar em contato com o que sentimos” e “admitir o que queremos da vida”. Após essas iniciativas, devemos perguntar a nós mesmos: “O que fazer com todo o patrimônio que identifica meu ser espiritual?”. Adotemos, pois, um projeto de vida que contenha os

3 Lucas, 9:23.

seguintes ingredientes morais: paciência, humildade para pedir ajuda, oração para visualizar o futuro e coragem para fazer escolhas.

A tormenta na vida espiritual depois da morte não tem raízes apenas nas ações que são registradas nos sagrados fóruns da consciência, mas, igualmente, na sensação infeliz de vazio em razão de não termos feito o que já tínhamos condições de fazer, de descobrirmos o que já estamos prontos para descobrir e de sondar o lado oculto de nós mesmos que, inevitavelmente, há de ser revelado algum dia.

Coragem! O Pai não permitirá que carreguemos fardos mais pesados do que podemos suportar.

A esperança de meu coração repousa na intenção de ser útil e consolidar ainda mais a amizade sincera com os amigos e leitores na vida física.

Que as anotações contidas neste livro sejam como pequenos lampejos de luz que auxiliem no erguimento de um mundo melhor e de dias mais venturosos e ricos de prazer de viver.

Pelo carinho que tenho recebido de todos, recebam a minha bênção de gratidão e amor eterno.

Ermance Dufaux
Belo Horizonte, agosto de 2008.

**Ao
adquirirmos o
conhecimento
espiritual**

Ele nos ajuda
a assumir o
compromisso
de elevação
moral

1

2

Adotamos a aceitação
da dor como único
instrumento de redenção

Adotamos a negação do
dinamismo da vida interior

Desenvolvemos uma crença
derrotista criada por um ato
de acentuado desamor

Desenvolvemos o medo da
própria natureza íntima e temos
a rebeldia em nos aceitar

Estabelecemos a ausência
de autoamor

Assumimos a
presença do orgulho

Vivemos em sofrimento

Perdemos quem julgávamos ser:
o eu idealizado

Encontramos o eu real

Buscamos nossa
identidade espiritual

Adquirimos o
PRAZER DE VIVER

“E, se os deixar ir em jejum para suas casas,
desfalecerão no caminho, porque alguns
deles vieram de longe. E os seus discípulos
responderam-lhe: ‘De onde poderá alguém
satisfazê-los de pão aqui no deserto?’.
E perguntou-lhes: ‘Quantos pães tendes?’.
E disseram-lhe: ‘Sete.’”

Marcos, 8:3-5.



[Introdução]

Como
trabalhamos o
prazer de viver
no Hospital
Esperança



V iemos de tão longe na caminhada evolutiva, na busca do Cristo, que nos achamos famintos e estropiados, cansados e aflitos, no escaldante deserto de nossas lutas espirituais.

Apesar da sensação dilacerante de fracasso, este é o instante da esperança. Ainda que exaustos, este é o momento da vitória. Sem alimento divino desfaleceremos diante de nossas necessidades.

Uma das maiores fontes de nossa fome espiritual é o orgulho em não aceitar os próprios erros. Querer estar sempre certo e invulnerável é uma expressão da arrogância. Quem não se aceita como é, superdimensiona os resultados que decorrem de suas falhas ou fascina-se com a glória de seus êxitos.

Quando doutor Bezerra pronunciou o discurso “Atitude de Amor”¹ e hasteou a bandeira da humanização para a comunidade espírita, convocou-nos a uma árdua lição do progresso – aceitarmos nossa humanidade. Humanizar é também aceitarmo-nos como humanos. Simplesmente seres humanos. É o que somos!

1 **Atitudes de amor** - de autoria espiritual de Cícero Pereira, está inserida na obra *Seara bendita*, psicografada por Maria José da Costa e Wanderley Oliveira – diversos espíritos – Editora Dufaux.

Ser humano é ser gente que erra e acerta, cujas imperfeições não são maiores nem piores que os enganos da sociedade da qual fazemos parte. É aprendermos a ser quem somos fazendo o nosso melhor a cada dia, para sermos melhores a cada conquista.

Querer ser quem não somos é minar a alegria de viver.

Nossos principais focos de tratamento no Hospital Esperança, para resgatar o prazer de viver, baseiam-se nos seguintes princípios terapêuticos: o resgate da arte de sonhar, o desenvolvimento da honestidade emocional, a educação da carência afetiva, a morte da idealização, a cura da ignorância e o sentido da continuidade da vida. Esse conjunto de princípios forma a base da psicologia da libertação em direção ao amor legítimo.

Sem a sustentação do sonho, surge a rotina. A rotina acomoda-nos na indolência.

Sem honestidade com nós mesmos, alimentamos a ilusão. A ilusão complica a escolha pela fartura das racionalizações.

Sem educação da carência afetiva, sucumbimos na dependência. A dependência arruína o autoamor.

Sem aceitação, cultivamos a idealização. A idealização arruína a noção de limite.

Sem sabedoria, acreditamos que sabemos o necessário e dormimos nos braços da ignorância. A ignorância nos mantém prisioneiros da dor.

Sem a noção de continuidade, nossa vida mental não é capaz de centrar no presente. O presente é o único momento capaz de nos devolver a realidade.

Esses princípios são aplicados com o objetivo único de resgatar a esperança no coração dos internos no hospital. São pessoas que passaram pela existência sem experimentar a energia da vida ou perderam conexão com essa força, em razão dos testemunhos a que foram chamados nos roteiros da provação. Sem esperança, não há caminho para a legítima liberdade nem força para a expressão do amor.

Por meio de técnicas e dinâmicas que constituem ferramentas emocionais e psicológicas modeladoras da vida mental, aplicamos a terapia das potências da alma, cujo núcleo é reconhecer a luz que há em cada um de nós.

A maioria dos que são acolhidos nas alas recuperativas indaga “o por quê” de suas provas. Todavia, terapeutas especializados na arte de viver, dotados de larga soma de alegria no coração, desenvolvem técnicas curativas da alma com foco na seguinte pergunta: “Para que a dor na minha vida?”. O “porquê” não cria sentido para a existência e pode remeter a conflitos pavorosos nos sombrios porões do remorso. Saber “para que” vivemos, “para que” passamos pelas experiências, “para que” renascer e lutar é a fonte que vitaliza o ato de viver.

Saber a razão de viver é dar consciência à existência e torná-la mais digna.

Temos inúmeros pacientes que padecem da ausência de sentido de viver. Muitos já não gostavam da vida no plano físico e chegam aqui com uma soma ainda maior de queixas, tais como: vontade de retornar à matéria para a satisfação de certos hábitos, extrema saudade de pessoas e lugares, continuidade de doenças orgânicas, revolta pela interrupção de planos pessoais, indisposição para novas amizades,

compulsão para a queixa em razão da inadequação para pequenas tarefas diárias, dificuldade de adaptação ao regime alimentar, apego a bens e utensílios.

Muitos desses atendidos foram iluminados com as bênçãos da Doutrina Espírita. Nutriam larga expectativa de colheita em razão dos movimentos de assistência que prestaram nas fileiras da caridade cristã. Pelos relevantes esforços a que se devotaram foram alvo de incondicional proteção e carinho. Entretanto, como não poderia ser diferente, não se livraram de si mesmos.

Deslocados de plano, distantes de suas creches e obras de solidariedade, sentiram-se sozinhos e desvalorizados. Na verdade, ficaram na superficialidade da caridade. Estavam envolvidos com o dever de ajudar, mas não comprometidos com o ato de amar. Derramaram apoio e suprimiram fome e dor. No entanto, esqueceram-se de si mesmos, não como um ato de renúncia, mas como uma fuga do enfrentamento pessoal. Bem-intencionados, porém, descuidados. De boa vontade, mas sem coragem para zelar por suas necessidades mais profundas. Passaram pela vida física fazendo muito bem aos outros, mas se esqueceram de realizar o bem a si próprios, com medo de se entregarem novamente ao egoísmo.

Pela bondade semeada, colheram os frutos da amizade e da atenção. Espera-lhes agora a tarefa redentora de investigarem-se, de saberem como amar também a si mesmos. Carregam na alma o peso da aflição que negaram. São tratados na mesma linha terapêutica para a recuperação do prazer de viver, porque, com raras exceções, escapam ao doloroso episódio da depressão depois da morte.

É lamentável constatar que até mesmo nas linhas de serviço da religião há uma multidão de almas que erguem o estandarte do amor e se asilam em fugas complexas em relação ao autoencontro.

Para todos, porém, há esperança. Se a misericórdia celeste não abandona os vales mais sombrios da maldade, tampouco abandonaria aqueles que já se esforçam por realizar algo no bem.

Há tratamento e alívio para todos os casos. Que ninguém no plano físico se exaspere perante tais informes. Cuide apenas de estar atento à edificação de valores indispensáveis no reino da alma, cujas bases repousem na mais legítima obra de educação dos sentimentos.

Após entender o “para que” da vida, surge a mais educativa das questões: “Como?” Como se conduzir diante do labirinto da vida inconsciente? Como resgatar as pedras preciosas do bem em meio à escuridão das emoções? Como penetrar nos porões da vida mental para extrair os germes da divindade depositados pelo Pai em nossa intimidade profunda?

Trazendo estas considerações sobre os cuidados de amor na vida espiritual, queremos chamá-los à campanha gloriosa pela maioria na comunidade espírita. Cada centro espírita ou templo erguido em nome da mensagem do Evangelho é um celeiro que pode se tornar uma célula de redenção e construção do prazer de viver. A aplicação dos princípios que norteiam o Hospital Esperança pode constituir, igualmente, um conjunto de princípios orientadores para tratar as dores do homem no mundo físico.

Em nossas enfermarias, nos grupos de reencontro² e na tribuna da humildade³, os sentimentos mais estudados são: medo, culpa, tristeza, mágoa e orgulho. Que maior missão pode ter uma casa espírita do que presentear o homem do mundo com a orientação para que ele próprio seja o condutor de seu destino e construtor de sua própria felicidade?

Sem esperança, a humanidade procura uma luz, uma saída para suas dores. Façamos de nossos centros as *Casas do Caminho* da atualidade. Tenhamos ali uma maca para aliviar as dores morais e um banco de escola para iluminar o cérebro e o coração com as luzes da instrução e do afeto.

Estamos vindo de muito longe para identificar Jesus em nossa vida. Longe de Deus, longe do bem... Famintos, buscamos alimento novo em pleno deserto das provações.

Renascemos no corpo e dele saímos com a sensação de fracasso, abandono e tristeza pelo que fizemos. O renascimento, todavia, ocorre porque temos chances de reerguer nossos passos, ainda que com forças mínimas. Por que a tormenta agora, quando tudo conspira para um futuro promissor?

Amigos na vida física, em vez de perguntarem “por que”, perguntem “para que”.

2 Vide livro *Escutando sentimentos*, obra mediúnica de autoria espiritual de Ermance Dufaux e psicografia de Wanderley Oliveira, Editora Dufaux.

3 Vide livro *Lírios de esperança*, obra mediúnica de autoria espiritual de Ermance Dufaux e psicografia de Wanderley Oliveira, Editora Dufaux.

Sim! Façam um balanço de suas escolhas. Verifiquem como podem fazer tudo ficar melhor. Ocupem suas mãos e prossigam sem lamentar. Lamentação é depressão.

Viajem! Ponham os pés na terra. Curtam o sol. Sirvam. Sequem lágrimas. E orem, orem sem cessar, todos os dias.

Uma pessoa centrada nos ensinamentos do Evangelho e nos processos mentais de seu comportamento é um ser identificado com seus valores e habilidades. Quando não conseguimos atingir este estado, temos duas extremidades psicológicas perigosas. De um lado, a arrogância para nos defender da sensação de inferioridade; do outro, a descrença como um reflexo da nossa incapacidade de lidar com os sentimentos de medo, culpa e tristeza.

A vida nos espera com o prazer de viver e de sermos felizes. Abandonem a tirania de querer agradar a todos. Uma pessoa que quer vencer usa duas armas poderosas: a inteligência para criar saídas e a humildade para submetê-las ao critério de Deus. Somente com soluções o caminho se recompõe.

Vamos recordar novamente uma frase de Eurípedes Barsanulfo, que merece lugar de destaque nos centros espíritas: “Aqui mora a fé, a sublime qualidade dos que jamais deixarão de acreditar na força superior do bem”.

Essa frase foi escrita nas portas do Hospital Esperança, para que todos os que passarem por lá tenham condições de lê-la. Ela é o contrário da que está escrita às portas das furnas infernais, segundo os registros fiéis de Dante Alighieri, em

A Divina Comédia, no livro Inferno, canto III, em que pode ser lido um poema destruidor da fé humana. Seu último verso diz: “[...] deixai toda esperança vós que entraís.”

Concedam-se o direito de ser feliz. Vamos adiante, certos de que há muito mais alegria nos céus no êxito de um arrependido que em noventa e nove pessoas que já vieram com o coração recheado de esperança.

Esperança é o alimento de quem vem de longe e, como diz o versículo de Jesus, Ele não nos deixará seguir em jejum. O alimento existe. Sempre existirá.

Com este intuito, o Mestre indagou: “[...] Quantos pães tendes?”. E disseram-lhe: “Sete.”.

Vamos dar o que temos e a vida nos brindará com o melhor.

Esperança é a energia que preenche o coração e nos faz sentir que todos, sem exceção, somos Filhos de Deus, dotados, portanto, dos mais ricos recursos para superar todas as nossas provas e capazes de caminhar em direção da nossa libertação definitiva.

Felicita-nos saber que o mundo físico receberá mais uma obra generosa por parte de Ermance Dufaux.

Neste tempo de busca do prazer ilusório, a reflexão sobre o prazer de existir é muito bem-vinda.

Meus apontamentos, a título de introdução, têm apenas o intuito de chamar a atenção para a inadiável missão entregue aos discípulos sinceros do Cristo: “Vós sois o sal da

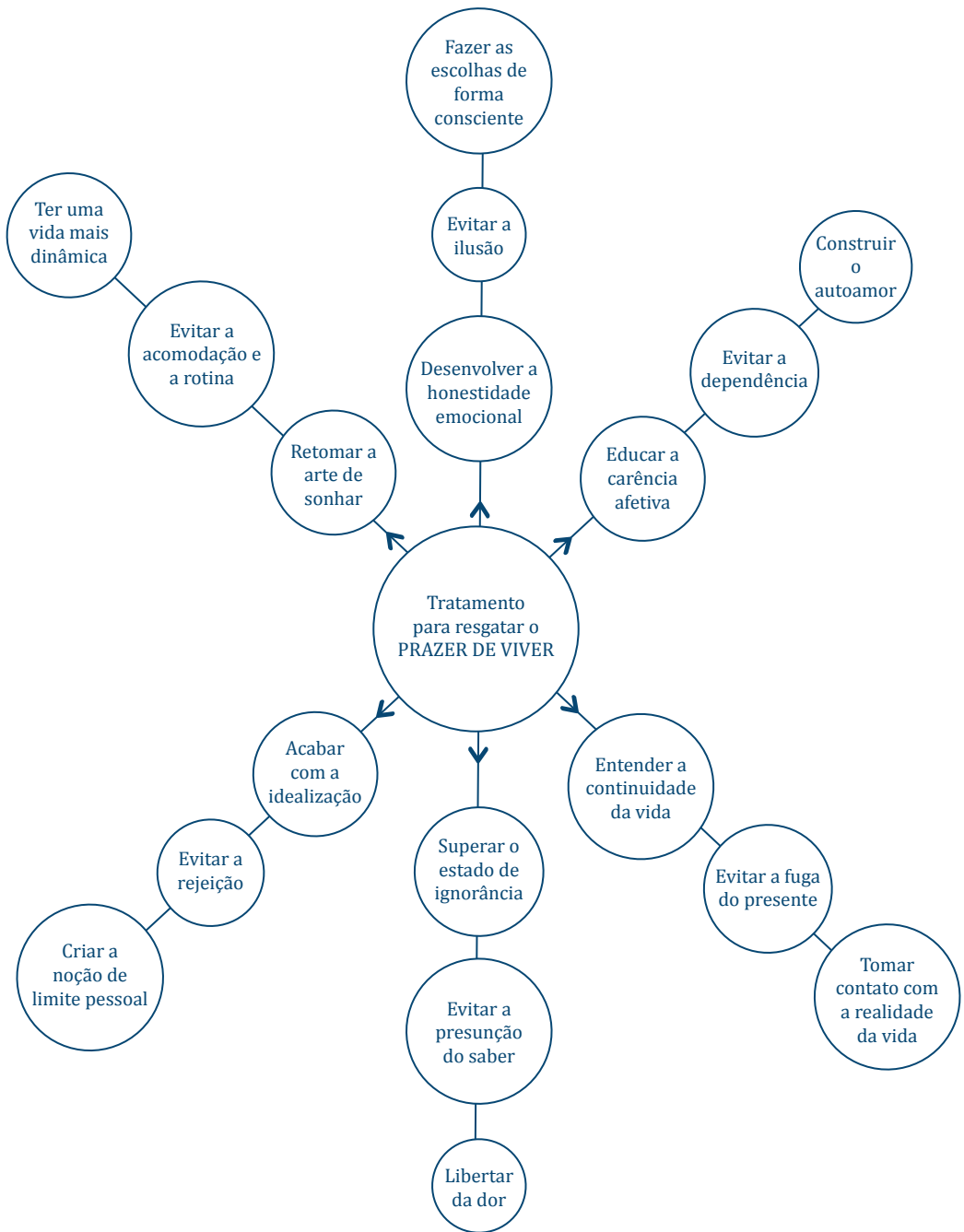
terra; e se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada mais presta senão para se lançar fora, e ser pisado pelos homens.”⁴

Rogamos a Jesus, Mestre e Senhor de nossas vidas, que essas linhas multipliquem a esperança e fortaleçam a fé de muitos, para que, o quanto antes, tenhamos dias melhores na Terra, nutridos pela mais preenchedora alegria de viver.

Da servidora do Cristo e amante do bem,

Maria Modesto Cravo.
Belo Horizonte, agosto de 2008.

4 Mateus, 5:13.



“O dever íntimo do homem fica entregue ao seu livre-arbítrio. O agulhão da consciência, guardião da probidade interior, o adverte e sustenta; mas, muitas vezes, mostra-se impotente diante dos sofismas da paixão.”

(Lázaro, Paris, 1863.)

O evangelho segundo o espiritismo,
capítulo 17, item 7.



[Capítulo 2]

Meia-idade,
a travessia ao
encontro da
esperança



Pesquisas realizadas por instituições de nosso plano asseguram que, aproximadamente, oitenta e cinco por cento dos reencarnantes levam a metade do tempo de suas reencarnações para começarem a se identificar com seu planejamento reencarnatório, isto é, com suas reais e mais profundas necessidades de aprimoramento espiritual.

Não é sem razão que na meia-idade, período considerado por alguns especialistas como a faixa etária dos 35 aos 55 anos, homens e mulheres atravessam crises de intensa reavaliação da existência. Psicologicamente, é a fase em que o inconsciente lança ao consciente todas as experiências dolorosas não curadas na infância e na juventude. Um fenômeno natural do amadurecimento do ser. Crenças e valores são sacudidos drasticamente sob o vendaval das transformações inadiáveis, para que possamos desenvolver a mais cobiçada das conquistas humanas: o prazer de viver.

Fatores de ordem espiritual regulam a natureza desse autoencontro. Independentemente de qualquer variável, esse ciclo da existência é marcado por uma crise sem precedentes. Para quem se encontra adormecido nas zonas de conforto, ela vem de fora, por meio de dolorosos solavancos da vida que chegam em forma de perdas, doenças e provas

diversas. Para os que já vêm examinando seu mundo pessoal, ela chega como angústia e depressão, provocando escolhas e exames mais cuidadosos de si mesmo. Será nessa aparente desordem que será criada a trilha particular de cada qual. O prazer de viver poderá surgir neste contexto como a mais ansiada das conquistas do Ser em crescimento, desde que se tenha persistência em buscar algumas respostas a perguntas fundamentais.

Quem somos nós? O que queremos da vida? Qual a nossa principal missão diante da reencarnação? O que fazer para descobrir o caminho que nos levará ao encontro do nosso mapa pessoal de crescimento e libertação? Para que realizamos as coisas que fazemos? Para que vivemos? Como deixar de ser quem pensamos que somos? Como dar sentido à nossa existência para preencher o vazio que, muitas vezes, consome a criatura humana nas mais sofridas provas da descrença e do desconsolo? Quais as trilhas criadas pelo Pai para cada um de nós? Como conquistar o prazer de viver diante dos severos regimes impostos pela expiação?

Depois que o homem e a mulher percorrem o trajeto básico das vitórias na família, na profissão, na educação de filhos ou nas realizações sociais, vem esse momento da meia-idade e nos devolve a nós mesmos. A ocupação principal é a busca da vitória interior.

Entretanto, neste importante momento de avaliações, ocorrem as mais lamentáveis fugas e os mais tristes quadros de desistência. Em outras palavras, é no exato momento em que tudo conspira para um renascimento que muitos desistem de encarar. Na hora de recomeçar a existência, ela acaba para a maioria. Ela é aposentada no momento em que está apenas começando.

Esmagadora porcentagem daqueles que reencarnam gastam dois terços da vida se consumindo em atitudes e escolhas que tornarão miserável o último terço. Retornam ao corpo e dele saem com a aterrorizante sensação de vazio. Vivem para sobreviver e sobrevivem sem se realizar. Esse é o conceito de expiação: almas presas em si mesmas, sem capacidade para exercer suas vocações, sem saber quem são, sem poder ou sem querer fazer o que gostariam ou mesmo o que deveriam em favor de sua própria paz.

Fomos criados para sermos felizes e superarmos as nossas provas. A reencarnação significa um sublime endosso de Deus ao nosso recomeço. É uma nova chance para continuar. Essa oportunidade é concedida pelo Pai, mas o recomeço é com cada um de nós. Reencarnar é com Deus, renascer é conosco.

Eis o segredo do verdadeiro prazer de viver: reconhecer que somos os escultores de nosso destino e as únicas criaturas responsáveis por emperrá-lo ou direcioná-lo para alcançar o ideal de ser feliz.

O prazer de viver acontece quando o coração é preenchido de esperança. Com a esperança, tornamo-nos mais realizadores, espontâneos e menos racionais.

Prazer de viver é saber tolerar as frustrações, transformando-as em ferramentas para a construção de virtudes.

É entender os recados divinos que se escondem nos sentimentos mais temidos pelo homem, tais como: a inveja, o orgulho, o medo, a mágoa e a culpa. Eles são pistas emocionais excelentes sobre nossa realidade pessoal.

É entender que a crise da meia-idade significa não só o desafio das descobertas dolorosas, mas o convite da vida para

tomarmos posse dos talentos e das vocações que se escondem no mundo inconsciente de nós mesmos.

A meia-idade é por demais sacrificial para não nos levar a lugar algum. Sua direção divina é a mais sublime conquista das pessoas livres e felizes. Essa é a sua recompensa. A dor da travessia solitária é o preço que a vida solicita para atingirmos o nosso melhor instante diante da reencarnação.

O doutor Carl Gustav Jung asseverou: “Inteiramente despreparados, embarcamos na segunda metade da vida [...], damos o primeiro passo na tarde da vida; pior ainda, damos esse passo com a falsa suposição de que nossas verdades e ideais vão servir-nos como antes. Mas não podemos viver a tarde da vida de acordo com o programa de sua manhã – pois o que foi grande pela manhã vai ser pouco à tarde, e aquilo que pela manhã era verdade, à tarde se tornará mentira”.¹

Segundo Jung, as verdades ideais nessa busca pelo prazer de ser e existir irão desmoronar. A maior perda será a da pessoa que achávamos que éramos. É a morte da autoilusão. A desilusão do que pensamos sobre nós, será, por certo, um dos maiores desafios nesse circuito de amadurecimento.

Crenças serão sacudidas, valores serão repensados, frustrações reaparecerão, medos emergirão na intimidade, a noção de dever será ampliada, o certo e o errado serão questionados, a culpa pode aparecer com intensidade surpreendente, mas, em muitos casos, ela simplesmente deixará de existir, colocando-nos para pensar na razão de seu desaparecimento.

1 Carl Jung, *The stages of life* – CW 8, parágrafo 339.

Como assevera Lázaro: “O dever íntimo do homem fica entregue ao seu livre-arbítrio.” Seremos entregues a nós mesmos para decidir o que queremos da vida e seremos colocados em situações externas e internas desafiadoras para usarmos o livre-arbítrio, como seres que se candidatam a proprietários eternos dos seus destinos, conquistando a sublime recompensa de se libertar da prisão da dependência e da submissão que, há milênios, nos faz criaturas infelizes com a própria vida.

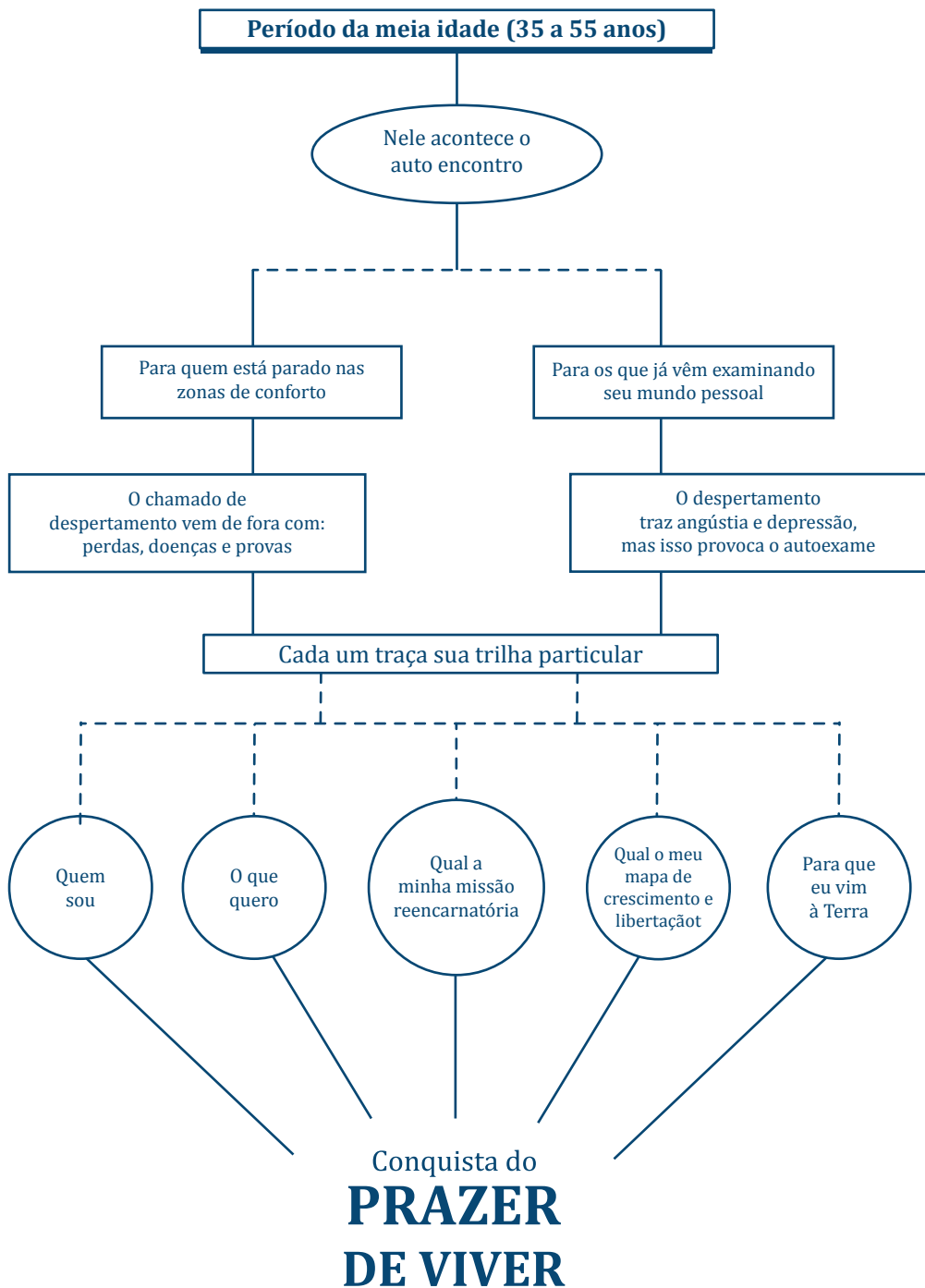
A travessia solitária da meia-idade só pode ser transposta de mãos dadas com a esperança. A esperança de que só existe um estado para ser alcançado – a felicidade. Quem atravessa a noite psicológica da desilusão haverá de trazer sempre na alma a certeza de que, logo adiante, nos espera o melhor dos nossos dias. Por essa razão, se quisermos encurtar o caminho, evitemos a pressa.

A pressa cria fugas espetaculares e inteligentes que só nos farão mais angustiados. Na crise espiritual da meia-idade, conseguiremos visualizar nítidas expressões do futuro. Entretanto, nem sempre o futuro visto é imediato. Tais vislumbres podem terminar em pressa e atropelo. Eis por que a travessia pede calma. Já será bom saber que amanhã chegaremos aonde conseguimos enxergar. A vida, porém, é realidade, e não suposição. É preciso calma para saber a hora de decidir e escolher. Por outro lado, tenhamos sensatez, pois muitas dessas percepções determinarão decisões para agora, a fim de que o amanhã seja construído satisfatoriamente.

Saber quem somos e qual é nossa missão particular na existência nos faz criaturas solitárias. É um percurso que faremos desacompanhados para atingir a individuação.

A lição da solidão foi o ápice da vida de Jesus no calvário. Entregue à pesada cruz na qual seria crucificado, carregou-a resignadamente, aceitando com determinação a subida para o encontro com o Divino. Ele guardava lúcida compreensão daquele momento decisivo.

Enquanto muitos interpretam o calvário como um instante de tristeza, nele vemos o roteiro da maturação espiritual. Apesar da dor, logo vem a liberdade. É uma caminhada singular para cada um de nós, um convite intransferível para a aquisição da maior conquista das pessoas felizes e conscientes – existir em plenitude com a vida.



“Independentemente de qualquer variável,
esse ciclo da existência é marcado
por uma crise sem precedentes.”

Alguns pensam que, a partir do momento em que se está na Terra para expiar, é preciso que as provas sigam seu curso. Existem mesmo os que até acreditam que não somente é preciso não fazer nada para atenuá-las, mas que, ao contrário, é preciso contribuir para torná-las mais proveitosas, agravando-as. É um grande erro. Sim, vossas provas devem seguir o curso que Deus lhes traçou, mas conheceis esse curso?

Sabeis até que ponto elas devem ir, ou se vosso Pai Misericordioso não disse ao sofrimento deste ou daquele de vossos irmãos: “Não irás mais além?” Sabeis se a Providência não vos escolheu, não como um instrumento de suplício para agravar os sofrimentos do culpado, mas como o alívio de consolação que deve cicatrizar as chagas que Sua justiça tinha aberto?

(Bernardino, Espírito Protetor, Bordéus, 1863.)
O evangelho segundo o espiritismo, capítulo 5, item 27.



[Capítulo 17]

Aos cuidadores
de almas



Acordar todos os dias com a chama da esperança acesa.

Acreditar que merecemos ser felizes.

Saber escolher os caminhos para construir os nossos sonhos e desejos de modo digno.

Gostar do mundo e das pessoas como são.

Ter uma relação de amor consigo mesmo.

Saber sorrir nos momentos mais difíceis.

Ser grato e alegre em todas as situações.

Divertir no cumprimento do dever.

Alcançar leveza no ato de viver.

Quem não gostaria de experimentar esses prazeres na vida?

O prazer de viver é a maior conquista das pessoas livres, felizes e conscientes.

O foco do prazer de viver é este: a perda de quem achávamos que éramos – o falso eu – e o encontro com o eu real. Só existe prazer de viver quando há plenitude. É necessário

haver uma harmonia entre as partes que sufocamos, tudo aquilo que achávamos que éramos, e a busca do que somos em verdade, a nossa singularidade.

Essa busca particular pela nossa individuação é intercalada pelo medo do autoenfrentamento. Por esse motivo, bilhões de pessoas lutam para sobreviver sem realmente conseguir existir. Passam pela vida sem permitir que ela passe por sua alma.

Para os que se encontram abençoados com a luz da Doutrina dos Espíritos, este desafio de talhar sua identidade cósmica surge quando não usamos a inteligência para aplicar nossas intenções e aspirações sob o suporte da dignidade. Quantos desistem de seus sonhos e de suas vocações por não conseguirem desenvolver uma ação responsável e conciliatória entre sua realidade pessoal, em conflito com aquilo que seria ideal, segundo o Espiritismo? Alguns espíritas, sobre este tema, desenvolvem a ideia do carma para justificar a acomodação por não lutarem por sua própria felicidade. É mais fácil pensar assim do que confrontar os próprios sentimentos e desejos e aprender a lidar com todos eles de modo honesto.

Esse adiamento pelo nosso caminho pessoal inevitavelmente nos conduzirá ao encontro de uma intrigante benfeitora da alma: a angústia, que é o lamento sofrido da alma que suplica novos rumos.

A angústia é o sinal profundo da alma a dizer: “É hora de decidir! Hora de ser feliz! Chega de mentiras e ilusões! Ninguém progride sob o manto da idealização!” Angústia é um sintoma de que algo necessita ser colocado no seu devido lugar na intimidade profunda de nós mesmos.

Mesmo a dor é estrada para a felicidade. Na verdade, é um convite da vida reclamando nossa integração com as leis grandiosas de Deus, criadas para o nosso próprio bem.

Quando muito ignorada, essa angústia é o caminho da depressão e da descrença, o efeito culminante das dores da alma não resolvidas quando a vida nos chama para curá-las. Descrença no ato de viver, na própria existência. Uma ausência total de um sentido para existir. Uma pessoa descrente é alguém sem esperança, sem alegria e sem fé nos dias futuros. E como caminhar sem a energia da esperança?

Diante das provas da Terra, Bernardino, espírito protetor, dirige uma das mais sábias questões sobre nossa postura na condição de cuidadores da educação espiritual de almas: “Sabeis se a Providência não vos escolheu, não como instrumento de suplício para agravar os sofrimentos do culpado, mas como o bálsamo da consolação para fazer cicatrizar as chagas que a sua justiça abrira?”.

Qual será, pois, a postura mais educativa dos cuidadores da alma nestes tempos de transição? Cultivadores do suplício ou dispensadores da consolação? Nutridores da culpa ou educadores da responsabilidade? Instrumentos do medo ou agentes da esperança? Investigadores das imperfeições ou orientadores da vocação individual? Curadores de feridas psicológicas ou promotores de valores morais? Como tornar-se um treinador emocional na aquisição de qualidade de vida? Como tornar-se um operador da felicidade em tempos de desorientação e crise? Como alcançar a condição de operário do prazer de viver? Como o centro espírita poderá alcançar a condição de escola libertadora dos sentimentos?

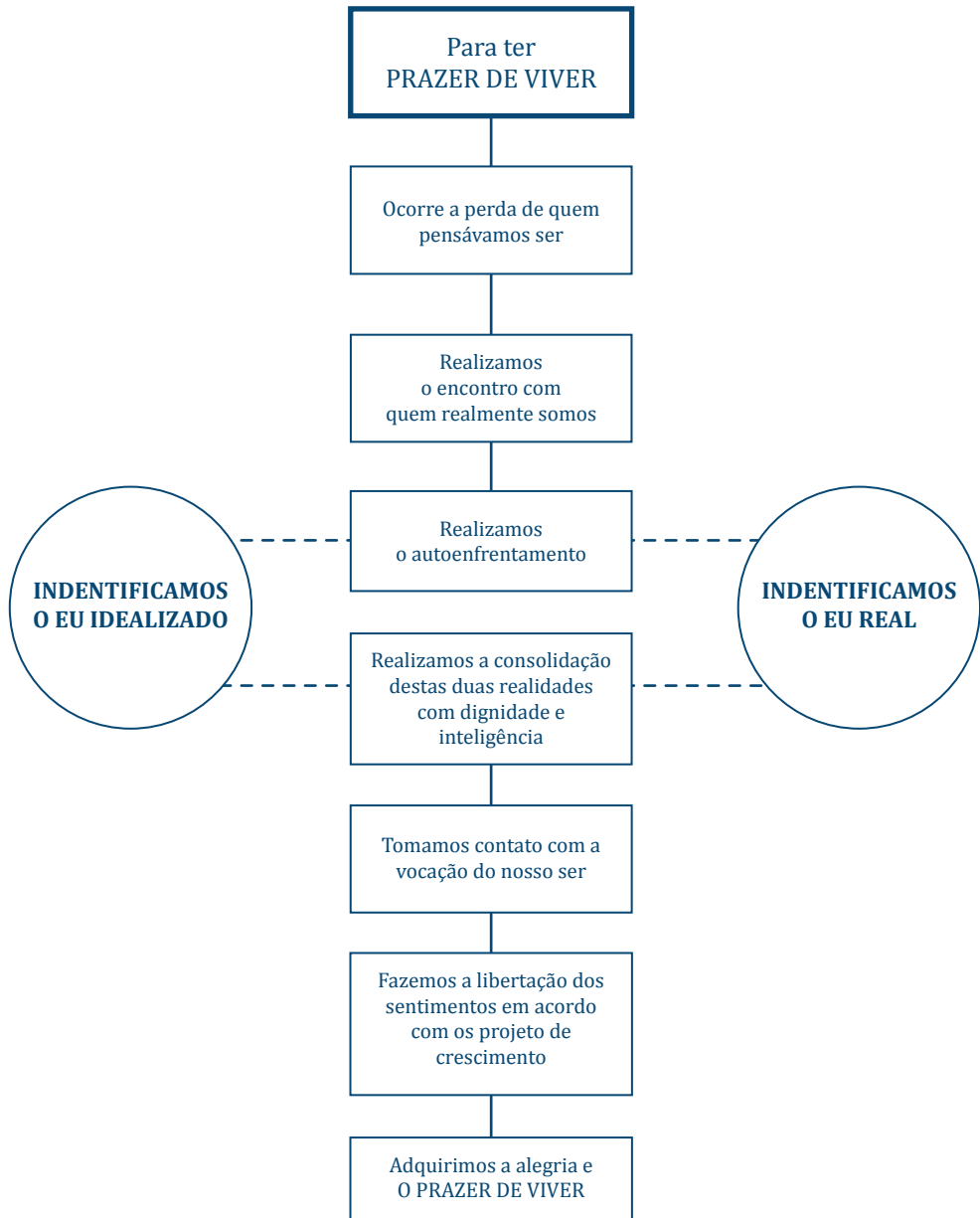
Que roteiros poderão inspirar nossas atividades abençoadas na Doutrina Espírita, objetivando tornarem-se espaços de educação integral? Que passos devemos dar para que a casa doutrinária seja um ambiente que nos favoreça a assumir nossa humanidade sem derrapar na fuga e na ilusão? Como fazer para que a nossa existência seja uma obra de arte no esplendor da criação de Deus?

Prazer de viver, eis a meta que devemos todos adotar a cada dia da caminhada.

“Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.”. Esta pérola da poetisa Clarice Lispector é um tributo ao ato de viver. Viver vai além de nossa compreensão imediata.

O ato de viver existe para depois surgir o sentido. Quem quer raciocinar a vida em demasia deixa de viver. A vida só existe na realidade, e a realidade é o espelho do que sentimos no mais profundo do nosso ser. Talvez, por este motivo, Jesus, o Cuidador de almas, afirmou: “O reino de Deus não vem com aparência exterior”.¹

1 Lucas, 17:20.



“Prazer de viver, eis a meta que
devemos todos adotar a cada
dia da caminhada.”